

– outra versão da *Nau Catrineta* (J. da Costa Cascais, *O Mineiro de Cascais*, in *Teatro*, III, 1904, p. 27);

– uma versão da *Donzela Guerreira* (F[rancisco] Palha, *Poesias*, 1852, pp. 97-109);

– outra versão da *Donzela Guerreira* (Christ[ian] Fr[iedrich] Bellermann, *Portugiesische Volkslieder und Romanzen*, 1864, pp. 64-75);³

– uma versão de *Conde Claros Instone + Conde Claros e a Princesa Acusada + Conde Claros Frade* (Maria Peregrina de Sousa, *D. Carlos e D. Clara, A Grinalda*, II (1857[-1860]), nº 11, pp. 161-3).

Não obstante pequenas faltas como estas, o *Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna* constitui um instrumento de trabalho que raras tradições baladísticas possuem e passa desde já a ombrear com as coleções clássicas erguidas por Grundtvig e Child para a tradição dinamarquesa e a anglo-escocesa.

É, pois, com compreensível expectativa que os interessados por este género tradicional esperam pelo V e derradeiro volume da série, em que sairão os romances devotos vulgares e os religiosos. Estes últimos constituem possivelmente a parte mais complexa do romanceiro, levantando complicados problemas de classificação e delimitação textual, pelo que do modo como eles forem publicados neste volume muitos ensinamentos há que esperar.

Idália Farinho Custódio, Maria Aliete Farinho Galhoz e Isabel Cardigos, *Património Oral do Concelho de Loulé*, vol. II: Romances, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 2006

J. J. Dias Marques

Depois do volume dedicado aos *Contos* (saído em 2004), estamos em presença do II vol. do *Património Oral do Concelho de Loulé*. Com esta série de volumes (em que está previsto se integrem mais dois), Loulé passará a dispor de uma obra que, tanto quanto sei, não tem análogo noutros concelhos de Portugal e é muito importante por várias razões.

³ Esta versão apresenta muitas semelhanças inquietantes com a versão do mesmo romance publicada por Garrett em 1851. Foram sem dúvida essas semelhanças que levaram Pere Ferré e Cristina Carinhas a considerar que a versão de Bellermann era apenas uma republicação do texto garrettiano (ver *Bibliografia do Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna*, p. 102, nº 179). No entanto, a versão de Bellermann inclui algumas passagens que, parecendo tradicionais, faltam no texto de Garrett, tendo vindo muito provavelmente da oralidade. Talvez estejamos em presença de uma versão que Bellermann recolheu, de facto, da oralidade (ele diz tê-la conseguido em Sete Rios, na época arredores de Lisboa), mas que depois retocou, usando para tal a letra da versão garrettiana. Sobre a questão ver a minha tese *A Gênese do Romanceiro do Algarve de Estácio da Veiga*, 2002, nota 388, pp. 127-9.

Por um lado, pela quantidade dos textos recolhidos e pela fidelidade da sua transcrição. Estas duas tarefas são devidas, sobretudo, a Idália Farinho Custódio, com toda a probabilidade uma das maiores e mais entusiastas colectoras da história da literatura oral no Algarve. Além disso, a sua presença é uma garantia de que os textos publicados nesta série de volumes não são retocados, resumidos, recontados ou censurados, coisas que, infelizmente, mesmo hoje, não é raro encontrar noutras colecções de textos orais, portuguesas e estrangeiras. Aquilo que aqui temos publicado nestes volumes é, de facto (tanto quanto isso é possível), a voz dos informantes e não a voz dos organizadores da obra.

O *Património Oral do Concelho de Loulé* é também muito importante por outro aspecto: pelo modo como os textos recolhidos foram classificados e organizados e pelas introduções, as notas e os índices de correspondências que os acompanham. Este aspecto é tanto mais de sublinhar quanto é algo que costuma ser muito desleixado nas colectâneas de textos recolhidos da oralidade que se publicam em Portugal. Infelizmente, continua enraizada entre nós a ideia de que para escrever sobre a literatura oral basta gostar dela, basta ser um amador. Não é necessário nem conhecimento da matéria nem rigor. Conhecimento e rigor são coisas necessárias, sim, para quem escreve sobre a literatura escrita, mas não para quem escreve sobre a literatura oral, esta literatura contada ou cantada por tanta gente com pouca instrução formal e que por vezes nem pôde aprender a ler. Um estudioso da literatura escrita não se atreveria, por exemplo, a organizar uma antologia de poemas de Camões ou de Sophia de Mello Breyner e menos ainda a escrever uma introdução e notas para tal antologia, a não ser que conhecesse bem a obra desses autores. Além disso, mesmo conhecendo-a, não se atreveria a escrever sobre ela, sem ter lido os últimos estudos importantes que sobre a matéria tivessem sido publicados. E, se resolvesse escrever sem conhecer a bibliografia, sem dúvida que publicaria a sua obra cheio de receio das críticas que lhe fariam por estar a escrever coisas erradas ou ultrapassadas.

No entanto, como consequência da referida ideia de que a literatura oral é uma literatura menor e sobre a qual todos podem escrever, o mesmo autor que se não atreveria a escrever sobre Camões atreve-se, com alguma facilidade, a recolher e organizar colectâneas de textos orais e a escrever sobre eles. Tal falta de conhecimento e de rigor tem como consequência que todos os anos se publiquem por esse país fora várias colectâneas de textos que provavelmente mais valeria se não publicassem, devido à deficiente fixação dos textos orais, aos erros na sua classificação e organização, às superficialidades ou mesmo erros que se escrevem na introdução das obras, como por exemplo apresentar determinados aspectos dos textos como sendo exclusivos da região em que eles foram recolhidos, quando, se esses descuidados autores tivessem tido a indispensável cuidado de consultar colecções de etnotextos de outras regiões ou países, teriam concluído que assim não é.

A falta de actualização nos conhecimentos é também um erro infelizmente muito comum nas colectâneas regionais de textos da tradição oral. Ainda há poucos anos, publicou-se um romanceiro recolhido em Trás-os-Montes.⁴ E o organizador da colecção decidiu escrever notas explicativas sobre a maioria dos romances que no livro se incluem. Ora qual é o estudioso cujas palavras o organizador dessa obra cita com mais frequência, aquele cujas ideias ele apresenta como verdades definitivas e não ultrapassadas? Nada mais nada menos que Almeida Garrett e as palavras que este escreveu na introdução e nos prólogos dos volumes II e III do seu *Romanceiro*, publicados em 1851... Quem se atreveria a escrever hoje sobre Camões, citando como autoridade em que se apoiasse um autor que tivesse escrito em 1851, como se depois disso mais nada se houvesse publicado sobre a obra camoniana? Certamente ninguém, nem sequer o referido organizador do romanceiro trasmontano. Mas, como escrevia sobre textos orais, esse organizador terá achado que lhe bastava conhecer e repetir as teorias garrettianas de 1851, como se, sobre o romanceiro português, mais nada se tivesse publicado desde há 150 anos, nem quanto a colecções de textos, nem quanto a estudos.

Ora é precisamente no aspecto da classificação e organização dos textos e do que sobre eles se escreve que esta série de volumes do *Património Oral do Concelho de Loulé* se revela um modelo que deveria ser seguido pelos organizadores de outras colecções regionais. No que a este volume específico dos *Romances* diz respeito, o conhecimento sobre a matéria, a actualização bibliográfica e o rigor estão bem patentes na longa introdução, no estudo monográfico de um romance que se inclui também neste volume, nas notas explicativas e de carácter bibliográfico que foram escritos para todos os textos, e nas quatro listas de correspondências com catálogos e bibliografias portuguesas e pan-ibéricas que surgem no fim do volume.

A classificação e organização dos textos, a introdução, as notas e as listas de correspondências são da responsabilidade de Maria Aliete Galhoz, e o estudo monográfico (“Como um Romance se Transforma num Conto. Transformações e Disfarces da *Donzela Guerreira*”) foi escrito por Isabel Cardigos. Ao serem ambas especialistas de reconhecido mérito nos respectivos campos de estudo (Maria Aliete é a decana dos estudiosos portugueses do romanceiro e Isabel a única verdadeira especialista do conto em Portugal), não surpreende a qualidade que apresenta a obra. Mas, embora o resultado não surpreenda, vindo de quem vem, não deixa de impressionar o trabalho de pesquisa e a informação actualizada e baseada em bibliografia de vários países que está na base deste volume. Tal trabalho está bem reflectido nos livros e artigos citados ao longo de toda a obra e que aparecem compendiados na bibliografia final do volume e nas notas de rodapé do estudo monográfico. Somando essas referências bibliográficas, vemos que o presente volume está alicerçado em conhecimento obtido em, pelo menos, 87 estudos, entre livros

⁴ Ver a recensão que sobre essa obra escrevi no nº 6 (2000) da *E. L. O.*, pp. 223-5.

e artigos. Trata-se, para mais, de estudos que na sua esmagadora maioria foram publicadas a partir dos anos 80 do séc. XX. Várias deles são já do ano de 2005 e há mesmo uma base de dados da internet (da responsabilidade de Suzanne Petersen, conhecida especialista do romanceiro), que está em permanente actualização, a qual (segundo se explica na bibliografia) foi consultada por Maria Aliete Galhoz pela última vez em Fevereiro de 2006, pouco tempo antes de a obra ir para a gráfica. Estamos, pois, longe, muito longe daquelas colectâneas de literatura oral ou daqueles estudos que se baseiam apenas em afirmações impressionistas dos seus autores ou em dois ou três estudos de mérito discutível ou já claramente ultrapassados.

A obra inclui 191 versões de 42 romances e também 33 versões de 16 canções narrativas. É muito de louvar a inclusão de canções narrativas, género tantas vezes desconsiderado pelos colectores, que não publicam esses textos e por vezes nem sequer os recolhem, quando os informantes os recitam, juntamente com os apreciados romances. De assinalar também o cuidado com que as canções narrativas foram nesta obra classificadas como tal, contrariando assim a errónea tradição que as costuma confundir com os romances vulgares, algo que elas, pela sua diferente versificação, sem dúvida não são. Para levar até ao fim a reabilitação deste género mal-amado e reconhecer o seu direito à existência, faltou apenas incluir o seu nome no título do presente volume, que, mais rigorosamente, se poderia chamar *Romances e Canções Narrativas*. Mas o importante é que as canções narrativas ali estão (e identificadas como tal), respeitando-se, deste modo, a dualidade genológica que a narrativa em verso apresentou na tradição oral moderna.

O volume é acompanhado por um CD documental, em que se registam 12 versões cantadas cujos textos estão incluídos na parte impressa da obra, reconstituindo-se assim a unidade letra/música, tantas vezes esquecida em colectâneas deste tipo.

Concluindo: este II vol. do *Património Oral do Concelho de Loulé* constitui um trabalho feito com base em informação pesquisada de modo exaustivo: por um lado, um belíssimo *corpus* de textos (conseguido em entrevistas a 78 informantes, localizados depois de se bater a muitas portas, de muitas localidades de todas as 11 freguesias do concelho), e, por outro lado, um conhecimento bibliográfico muito vasto e actualizado sobre a matéria em causa.

É por ter sido feita com tal cuidado e tal preparação que esta obra tem a alta qualidade que tem, e não por qualquer acaso ou milagre. Bem-hajam, portanto, os informantes deste II vol., as 72 mulheres e os 6 homens que aprenderam estes romances e canções narrativas ancestrais e fizeram com que eles chegassem até à actualidade. Bem-hajam os vários colectores, sobretudo Idália Farinho Custódio, que recolheram esses textos e os transcreveram. Bem-hajam Maria Aliete Galhoz e Isabel Cardigos, que os classificaram, organizaram e sobre eles escreveram. E bem-haja a Câmara Municipal de Loulé, que, dando mostras mais uma vez duma louvável consciência das

suas responsabilidades culturais, publicou este volume e sem dúvida os que nesta série se lhe seguirão.

David Atkinson, *The English Traditional Ballad: Theory, Method, and Practice*, Aldershot, Ashgate, 2002

Thomas A. McKean*

I have been waiting for this book for a long time. This is not to say that David has been behind-hand, but rather that it is a very useful combination of introduction and detailed examination of a great tradition. It is well known that “traditional” singers rarely differentiate between ballads and the myriad other songs that pass for traditional.

Balladry is envisaged here as an expansive genre, part of a continuum of folk song with a more or less explicit narrative element, which certainly embraces songs that for good historical reasons were not included by Child [in *The English and Scottish Popular Ballads*], and which accordingly does not seem to demand strict definition. (p. ix)

Prefaced by this neat sleight of hand, Atkinson is able to make interesting links and connections between the “ballads” under discussion and other folk songs related or in some way analogous to them. In addition, *The English Traditional Ballad* goes well beyond the concerns implied by its title through elegant and judicious use of European and North American criticism.

The “English” of the title is shorthand, of course, “used to stand for the closely related family of languages, dialects, and usages spoken throughout England, Scotland, Ireland, Wales, North America, and elsewhere — everywhere these songs have been sung” (p. ix). Many will be familiar, too, with David’s part-time crusade to re-emphasise the English content of Francis Child’s *English and Scottish Popular Ballads*, redressing the common (and, of course, correct) perception that the best of Child’s material came from Scotland. With that in mind, most of the discussions of specific ballads, or types, draw on previously under-analysed material from English counties and collectors. This welcome emphasis —for example, in a chapter devoted to English variants of “The Unquiet Grave”— shows how rewarding such a change of focus can be, and how rich the field still is, even after more than a century of modern scholarship.

* The Elphinstone Institute. University of Aberdeen. MacRobert Building. King’s College. Aberdeen. AB24 5UA Scotland.